

Cogumelo reduz depressão em pessoas com câncer

Substância psicodélica diminuiu os sintomas e facilitou a aceitação do tratamento em pacientes oncológicos, segundo estudo norte-americano. Além do uso da droga, foram oferecidas sessões de terapia individual e em grupo

» PALOMA OLIVETO

Pacientes oncológicos com depressão grave podem se beneficiar da psilocibina, substância alucinógena encontrada em fungos do gênero *Psilocybe*, popularmente conhecidos como “cogumelos mágicos”. Estudos têm apontado eficácia no tratamento de transtornos psiquiátricos em que há resistência ao tratamento, com resultados duradouros e poucos efeitos colaterais. O uso do químico, porém, é restrito à pesquisa, pois não há dados de segurança suficientes para uso clínico.

Publicado na revista *Cancer*, da Sociedade Norte-Americana de Câncer, o ensaio de fase II mostrou que, além de redução dos sintomas depressivos, os efeitos do tratamento se sustentaram até o fim do acompanhamento, de oito semanas. Os 30 participantes receberam uma dose única de 25mg de psilocibina sintetizada e participaram de sessões de terapia individual e em grupo.

Manish Agrawal, médico e fundador da Sunstone Therapies, especializada em terapia assistida com psicodélicos para pacientes oncológicos, explica que, ao se ligar a um subtipo de receptor da substância serotoninina, no cérebro, a psilocibina pode causar alterações no humor, na cognição e na percepção. Em nenhum país, a droga, classificada como medicamento de classe 1, tem aprovação para uso médico, mas, em pesquisas, diz Agrawal, mostra segurança e eficácia. Os resultados são mais positivos quando o tratamento químico é realizado com apoio psicológico.

Pontuação

Os voluntários inscritos tinham pontuações de sintomas depressivos moderados a graves no início do estudo. Após oito semanas de tratamento, os escores caíram, em média, 19,1 pontos, situando os pacientes em uma classificação de não depressão. Além disso, 80% dos participantes tiveram uma resposta sustentada ao tratamento e 50% apresentaram remissão completa dos sintomas depressivos após uma semana, efeito que durou por todo o acompanhamento, de dois meses. Náusea e dor de cabeça leve foram as reações adversas mais comuns.

Shanron/Divulgação



Cogumelos do gênero *Psilocybe* contêm uma substância que se liga a um receptor de serotonina no cérebro, alterando padrões comportamentais



Como oncologista durante muitos anos, tive a frustração de não conseguir fornecer cuidados oncológicos que tratam a pessoa na totalidade, e não apenas o tumor

Manish Agrawal,
principal autor do estudo

Também houve relatos de sentimento de pertencimento e compaixão pelos outros.

Transformação

“Foi profundamente comovente e encorajador testemunhar a magnitude da melhoria dos participantes e a profundidade de sua jornada de cura após a participação no estudo”, descreveu Beausant, em nota. “A maioria dos participantes expressou sentimentos positivos sobre sua experiência com a terapia assistida por psilocibina. Muitos descreveram um impacto transformador contínuo nas suas vidas e bem-estar mais de dois meses após terem recebido a psilocibina, sentindo-se mais bem equipados para lidar com o câncer e, para alguns, com o fim da vida.”

Anthony Cleare, professor de psicofarmacologia do King’s College London, diz que é “encorajador” o fato de a psilocibina desencadear uma resposta positiva em pacientes com depressão resistente ao tratamento. “No entanto, há várias questões que precisam de mais estudos antes que a substância possa se tornar parte da prática clínica regular”, pondera. “Há também a preocupação de que, devido ao número relativamente pequeno de pacientes estudados até agora, ainda não sabemos o suficiente sobre os potenciais efeitos secundários, especialmente se algumas pessoas podem sentir um agravamento de alguns sintomas”, afirma. Cleare afirma esperar que estudos maiores em andamento possam ajudar a responder essas questões.

Palavra de especialista

Novo paradigma

“Não devemos esquecer que esse é um estudo pequeno, que não nos permite tirar quaisquer conclusões definitivas. Por outro lado, vale a pena mencionar que os resultados estão em linha com

um conjunto muito maior de evidências que se têm acumulado ao longo dos últimos 10 anos. Pelo menos cinco ensaios clínicos randomizados e controlados demonstraram a eficácia da psilocibina no tratamento da sintomatologia depressiva, dos quais dois foram realizados precisamente em pacientes com câncer ou doença terminal e dois em pacientes com

depressão resistente ao tratamento (não associada ao câncer). Todos têm em comum uma ruptura com paradigmas tradicionais de tratamento psiquiátrico, baseados em modelos biofarmacológicos crônicos e centrados no sintoma, rumo a uma psiquiatria que coloca o paciente e a sua experiência



Arquivo pessoal

(neste caso, facilitada pelo acompanhamento medicamentoso e terapêutico) no centro como mecanismo de transformação de processos patológicos.”

Oscar Álvarez,
psiquiatra e pesquisador da Sociedade Espanhola de Medicina Psicodélica

“Como oncologista durante muitos anos, tive a frustração de não conseguir fornecer cuidados oncológicos que tratam a pessoa na totalidade, e não apenas o tumor”, diz Agrawal, principal autor do estudo. “Esse foi um estudo pequeno e mais investigação

precisa ser feita, mas o potencial é significativo, com implicações para ajudar milhões de pacientes com câncer, que também estão lutando com o grave impacto psicológico da doença.” O médico destaca que pesquisas em andamento investigam o uso da terapia assistida

por psilocibina para outros problemas de saúde mental, como ansiedade, dependência e transtorno de estresse pós-traumático.

Outro estudo com o mesmo grupo de pacientes, liderado pelo hematologista Yvan Beausant, do Instituto de Câncer

Dana-Farber, pesquisou as impressões dos participantes ao fim do tratamento. As experiências foram descritas como positivas. Além disso, eles relataram que a sessão de terapia em grupo ajudou a tranquilizar em relação ao uso da substância psicodélica.

ECOLOGIA

Humanos exterminaram 1,4 mil espécies de aves

Nos últimos 130 mil anos, os seres humanos exterminaram cerca de 1,4 mil espécies de aves — o dobro do que se pensava anteriormente — com graves implicações para a atual crise da biodiversidade, alerta um estudo publicado na revista *Nature Communications*. Liderados pelo Centro de Ecologia e Hidrologia do Reino Unido (UKCEH), os pesquisadores utilizaram modelos estatísticos para estimar as extinções desconhecidas previamente.

Muitas das ilhas do mundo eram paraísos anteriormente intocados, mas a chegada de pessoas a locais como Havaí, Tonga e Açores causou, ao longo do tempo, impactos de longo alcance, incluindo a desflorestação, caça excessiva e introdução de espécies invasoras. Consequentemente, as espécies de aves foram exterminadas, explicaram os autores.

Embora o desaparecimento de muitas aves desde 1500 tenha

sido registrado, o conhecimento sobre o destino das espécies anteriores à Idade Moderna depende de fósseis, e esses registros são limitados porque os ossos leves desses animais desintegram-se com o tempo. Segundo o estudo, isso camufla a verdadeira extensão das extinções globais.

Os pesquisadores acreditam agora que 1.430 espécies de aves — quase 12% — desapareceram ao longo da história humana moderna, desde o Pleistoceno Superior, há cerca de 130 mil anos. A maioria delas foi extinta direta ou indiretamente devido à atividade humana.

Devastação

“Os seres humanos devastaram rapidamente as populações de aves por meio da perda de habitat, da sobre-exploração e da introdução de ratos, porcos e cães que atacam ninhos e competem com elas por comida”, diz o autor principal, Rob Cooke,

UKCEH/Divulgação



Imagem gerada por computador representa pássaros extintos

modelador ecológico do UKCEH. “Nosso estudo demonstra que houve um impacto humano muito maior na diversidade

aviária do que o anteriormente reconhecido. Mostramos que muitas espécies foram extintas antes dos registros escritos

e não deixaram vestígios, perdendo-se na história.”

Os cientistas dizem que o estudo revelou o maior evento de

extinção de vertebrados provocado pelo homem na história, durante o século 14. Eles estimam que 570 espécies de aves foram perdidas depois da chegada de humanos ao Pacífico Oriental — quase 100 vezes mais do que a taxa de extinção natural. Eles acreditam que também houve uma grande ocorrência no século 9 a.C., impulsionada principalmente pela presença de pessoas no Pacífico Ocidental e nas Ilhas Canárias.

Pesquisas anteriores dos autores sugerem que corre-se o risco de perder até 700 espécies adicionais de aves nas próximas centenas de anos, o que seria uma dizimação de espécies sem precedentes, provocada pelo homem. Cooke salienta: “Depende de nós se mais espécies de aves serão extintas ou não. A conservação recente salvou algumas e devemos agora aumentar os esforços para proteger as aves, com a restauração do habitat liderada pelas comunidades locais”.